

## ENTRE O DESEJO DE CERTEZA E A DÚVIDA: RIOBALDO E A ANGÚSTIA DA INDETERMINAÇÃO

Claudia Campos SOARES  
Universidade Federal de Minas Gerais  
[claudiasoares3107@gmail.com](mailto:claudiasoares3107@gmail.com)

**Resumo:** Segundo Jacques Derrida, “existe desde sempre desconstrução operando em obras, especialmente em obras literárias.” No caso das obras em geral, a desconstrução opera através do próprio processo de diferenciação da linguagem, que permite que o processo de “leitura” seja desenvolvido interminavelmente. Entretanto, Derrida observa também que a desconstrução opera com mais força nas “obras literárias”, pois elas “parecem marcar e organizar uma estrutura de resistência à conceptualidade filosófica que teria pretendido dominá-los, compreendê-los, seja diretamente, seja por meio de categorias derivadas desse fundo filosófico, por meio das categorias da estética, da retórica ou da crítica tradicionais.” Tal é o caso de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa. Riobaldo, o narrador-protagonista do livro, busca, através de seu relato, encontrar explicações plausíveis para as experiências perturbadoras que viveu no passado. Com o espírito povoado por dúvidas, ideias em desacordo, o ex-jagunço conta sua história porque pretensamente acredita, ou acredita em alguma medida, que isso possa ajudá-lo a descobrir a lógica de sentimentos e acontecimentos e alcançar, para a experiência vivida, uma formulação intelectual apaziguadora. À procura de Riobaldo caracteriza o que, poderia ser chamado de nostalgia do centro e da certeza perdida: o narrador-protagonista do romance de Guimarães Rosa busca certezas tranquilizadoras, entretanto só encontra indeterminação e insegurança. Isso porque o desejo de certeza do ex-jagunço é acompanhado de uma postura de dúvida sistemática que ele, paradoxalmente, também assume diante de verdades estabelecidas, que, assim, acabam por não resistir ao seu exame. Dessa maneira, suas tentativas de determinação acabam muito frequentemente, talvez o tempo todo, em indeterminação: no paradoxo, no impasse, na aporia, no ponto a partir do qual não é possível prosseguir refletindo. Pelo menos não em se tratando de uma reflexão fundamentada nos princípios de uma lógica binária ou nas concepções que fundamentam a *doxa*. É justamente esse tipo de reflexão que o processo de indeterminação do sentido que se dá no livro põe sob suspeita, ou desconstrói.

**Palavras chave:** *Grande sertão: veredas*; desejo de certeza; indeterminação.

Riobaldo, o ex-jagunço que narra suas memórias em *Grande sertão veredas*,<sup>1</sup> é um homem assombrado por lembranças de um passado que não compreende. Tendo vivido experiências extremamente perturbadoras na juventude, agora, velho, retirado do turbilhão do mundo, estabelecido como fazendeiro às margens do São Francisco (“quase barranqueiro”,

---

<sup>1</sup> Será utilizada, neste texto, a abreviatura GSV para *Grande sertão: veredas*. As citações extraídas deste livro virão indicadas no corpo do trabalho apenas pelos números de página, entre parêntesis, no segundo volume da *Ficção Completa* de Guimarães Rosa (1994).

em suas próprias palavras) Riobaldo conta sua história porque espera que isso o ajude a encontrar, para o “sucedido desgovernado” (132), uma organização inteligível. Afirma ele:

Eu queria **decifrar** as coisas que são importantes. (...) Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder. (...) a gente está pertinho do que é nosso, por direito, e não sabe, não sabe, não sabe! (134, grifo meu)

O ex-jagunço aparentemente acredita que as coisas tenham um sentido último, ainda que oculto, velado por uma **cifra**. Essa suposta crença fundamenta outra, enunciada em outro momento: na existência de “uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver”. Continua Riobaldo: “essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar”. (162) Como se vê, apesar de dizer acreditar na existência desse caminho previamente determinado para cada pessoa seguir (e por isso “a gente está pertinho do que é nosso, de direito...”), ele não é imediatamente identificável (“... e não sabe, e não sabe, não sabe, não sabe”), pois se oculta por trás de uma cifra. Trata-se, portanto, de um segredo - um saber que, embora não esteja acessível imediatamente ao conhecimento, é possível descobrir desvendando o seu sentido secreto, ou decifrando-o.

É o que deseja Riobaldo. Ele está em “busca duma ordenação do mundo”, para utilizar as palavras de um leitor importante do romance de Guimarães Rosa, José Carlos Garbuglio. (1983, p.423). O narrador-protagonista de GSV gostaria de “classificar” a experiência, no sentido assim enunciado por Zigmunt Bauman:

Classificar significa separar, segregar. Significa primeiro postular que o mundo consiste em entidades discretas e distintas; depois, que cada entidade tem um grupo de entidades similares ou próximas ao qual pertence e com as quais conjuntamente se opõe a algumas outras entidades; e por fim tornar real o que se postula, relacionando padrões diferenciais de ação a diferentes classes de entidades (a evocação de um padrão de comportamento específico tornando-se a definição operacional de classe). Classificar, em outras palavras, é dar ao mundo uma estrutura. (1999, p.9)

O estabelecimento e agrupamento em categorias de identidades bem estabelecidas e distintas orienta a “função nomeadora da linguagem”, acima descrita por Bauman, e a lógica binária que Riobaldo busca encontrar no mundo. Afirma ele em outro momento: “eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados...” (307)

À postura de Riobaldo caracteriza o que poderia ser chamado de nostalgia do centro e da certeza perdida. Em outro momento, o ex-jagunço enuncia, em forma de pergunta, o objeto de sua busca: “onde é que está a verdadeira lâmpada de Deus, a lisa e real verdade?”. (485) Através das demarcações que tenta estabelecer, o narrador-protagonista de GSV gostaria de (ou melhor, necessita: “eu careço...”) chegar a um sistema explicativo fechado e completo, capaz de esclarecer os mistérios de sua travessia e protegê-lo do sentimento de desorientação diante da perturbadora desordem do mundo.

O que Riobaldo busca é algo bastante próximo do que Derrida chamou de “significado transcendental”: o sentido luminoso, unívoco, definitivo, capaz de satisfazer o desejo de

entendimento total.<sup>2</sup> O narrador-protagonista de GSV é aquele homem, descrito pelo pensador francês, que sonha “a presença plena, o fundamento tranquilizador, a origem e o fim do jogo”. (2005, p. 249)

Esse desejo de certeza, de demarcação de fronteiras, de classificação, entretanto, entra em choque com a postura de dúvida sistemática que Riobaldo, paradoxalmente, também assume diante de verdades estabelecidas. Em certo momento da narrativa, o ex-jagunço se define como um bom “rastreador de ideias”: “Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!” (13-14) O que aparentemente representaria uma vantagem para Riobaldo, entretanto, acaba por se revelar um obstáculo: submetidas a seu rigoroso exame, as “verdades tranquilizadoras” que o ex-jagunço busca validar acabam por não resistir e ele acaba por chegar, invariavelmente, ao campo das perguntas que não podem ser respondidas, da aporia, do impasse, do ponto cego a partir do qual não é possível prosseguir, da indeterminação. É o que se percebe na continuação do trecho citado anteriormente, em que Riobaldo expressa sua necessidade de “pastos demarcados”: “Como é que posso com este mundo? A vida é ingrata no macio de si; mas transtroz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...” (307)

Tal dilaceramento de Riobaldo entre a necessidade e a consciência da impossibilidade de determinação fundamenta o oscilar constante do sentido que se verifica no livro. A afirmação do sentido, motivada pelo desejo de certeza, é muitas vezes enunciada, mas é imediatamente seguida da sua problematização, o que acaba colocando-a sob suspeição. O desejo de certeza e a postura de dúvida sistemática, atuando simultaneamente, geram, portanto, indeterminação, revelando a insuficiência dos esquemas da lógica e do senso comum (que postulam unidades íntegras e distintas) para explicar a experiência. É o que se vê no seguinte trecho, que expande outro que já foi rapidamente discutido aqui:

Só o que eu quis, todo o tempo, o que eu pelejei para achar, era uma só coisa – a inteira – cujo significado e vislumbrado dela eu vejo que sempre tive. A que era: que existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver – e essa pauta cada um tem – mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar; como é que, sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteado, tem. Tem que ter. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira que é. E que: para cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa. Aquilo está no encoberto; mas, fora dessa consequência, tudo o que eu fizer, o que o senhor fizer, o que o beltrano fizer, o que todo-o-mundo fizer, ou deixar de fazer, fica sendo falso, e é o errado. Ah, porque aquela outra é a lei, escondida e vivível mas não achável, do verdadeiro viver: que para cada pessoa, sua continuação, já foi projetada, como o que se põe, em teatro, para cada representador – sua parte, que antes já foi inventada, num papel... (692-693)

---

<sup>2</sup> Como se sabe, para Derrida, como observou Terry Eagleton, o Ocidente tem estado, desde Sócrates, dedicado “à crença em uma palavra, presença, essência, verdade ou realidade derradeira, que agirá como base de todo o nosso pensamento, linguagem e experiência. Ele tem ansiado pelo signo que dará significação a todos os outros – ‘o significante transcendental’ – e pela significação básica, inquestionável, para a qual todos os signos se possam voltar”. (1997, p.180)

Nesse trecho, revela-se a necessidade de Riobaldo de certezas totalizadoras que lhe permitam “governar” o “sucedido desgovernado”, organizar o lembrado, e alcançar, por fim, alguma paz de espírito. Ele mesmo afirma que foi **só** o que ele quis, **todo o tempo**. Apesar da relativa extensão do trecho transcrito acima, ele gira em torno de um significado básico, que se repete, com diferenças, ao longo de todo ele: existe somente um caminho correto, previamente determinado (não se sabe por quem pelo quê), a ser trilhado por cada um durante a vida; esse caminho, entretanto, não se mostra direta e imediatamente, é preciso procurá-lo; e Riobaldo afirma não ter feito outra coisa durante toda a sua vida. O trecho é uma repetição obsessiva da afirmação do sentido (“existe uma receita, a norma dum caminho certo”, “essa pauta cada um tem”, “esse nordeado, tem. Tem que ter”, “cada dia, e cada hora, só uma ação possível da gente é que consegue ser a certa”, “é a lei, escondida e vivível”...) onde, entretanto, a suspeita da falta de sentido se infiltra o tempo todo: se Riobaldo tem procurado seu caminho durante toda a sua vida (e ele não é mais jovem) e não o encontrou, não seria o caso de questionar a sua existência? O que sustenta a certeza aqui afirmada? Parece não haver mais nada a não ser o desejo: “Mas, esse nordeado, tem. **Tem que ter**. Se não, a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira **que é**.” (grifos meus) Na verdade, há aqui uma espécie de gradiente: da afirmação aparentemente convicta do sentido (“esse nordeado tem. Tem que ter”)<sup>3</sup>, passando pela cogitação da possibilidade de que o sentido não exista (“Se não” = se não existir), até chegar à negação do sentido: em “a vida de todos ficava sendo sempre o confuso dessa doideira **que é**”, o “que é” nega as afirmações anteriores: se o nordeado existisse, a vida não seria doideira; ao contrário, se a vida é doideira, o nordeado não existe; no trecho, entretanto, Riobaldo afirma que o nordeado existe e que a vida é doideira.

Como observou Derrida, “a coerência na contradição exprime a força de um desejo”: o desejo do significado transcendental, a certeza tranquilizadora, a partir da qual “a angústia pode ser dominada”. (p.230-231) É justamente “coerência na contradição” que se encontra no trecho em que Riobaldo afirma que a vida de cada um “**tem de ter**” um “nordeado”. “Se não, (...) ficava sendo sempre o confuso dessa doideira **que é**”. Nessa afirmação, sentidos opostos são tidos como igualmente válidos, característica que define o paradoxo. A afirmação paradoxal é um recurso extremamente recorrente em GSV. Num mundo que se fundamenta nos preceitos de uma lógica binária (“eu careço de que o bom seja bom...”), funciona da mesma maneira que a indefectível e estupefaciente “fórmula” de Bartleby, o escrevente de Melville na novela homônima que insistia em responder às solicitações do patrão com a frase “*I prefer not to*”, como uma agramaticalidade (DELEUZE, 1997, p.86), como algo que escapa, que não cabe, que não se submete, às regras de uma gramática.<sup>4</sup>

O paradoxo “cava uma zona de indeterminação que (...) produz o vazio na linguagem” (Idem, p.85), porque, ao fixar e simultaneamente abolir uma significação, desrespeita as normas estabelecidas para os seus jogos (da linguagem): “Os paradoxos têm (...) o seguinte interesse, notável (...): (...) recordar os limites explícitos ou não, de um jogo de linguagem estabelecido, e mostrar que esses decretos são decisões e não verdades. (LYOTARD, 1979, p.184).

<sup>3</sup> Na verdade, já há um grão de falta de sentido aqui; a repetição, que denuncia o desespero, também indica a dúvida.

<sup>4</sup> Uma gramática é um modelo lógico de regras e procedimentos a partir do qual são possíveis transformações e variações infinitas. Assim, sendo modelo universal, subordinam-se a ele todas as variações possíveis, como as da retórica. Como observou Sérgio Bellei ao discutir a questão a partir da visão de Paul de Man, “a lógica e a gramática domesticam a retórica, tornando-a obediente e bem comportada”, ou seja, limitando seu poder de “conjunto **extravagante** e **excessivo** de figuras e tropos” (BELLEI, 2012, p.118 - grifos meus) Por isso, como observou ainda Bellei, “a crítica atenta à força da retórica complica o sentido único garantido pela gramática, agindo assim mais como força dispersiva do que força constitutiva do sentido.” (2012, p. 119)

Esses limites são estabelecidos pela *doxa*,<sup>5</sup> que tem papel importante na determinação do sentido dos enunciados. Segundo Deleuze, ela comporta dois aspectos: o bom senso e o senso comum. Na visão do pensador francês, o bom senso “determina o princípio de um sentido único em geral, reservando-se o direito de mostrar que esse princípio, uma vez dado, nos força a escolher tal direção de preferência à outra” (2009, p.79). Assim, “exprime a existência de uma ordem de acordo com a qual é preciso escolher uma direção e se fixar a ela.” (2009, p.78) O bom senso também é “essencialmente repartidor; sua fórmula é ‘de um lado e de outro lado’” (2009, p.78) Fundamenta-se, portanto, na lógica do “isso ou aquilo”, ou seja, no dispositivo binário. Já o senso comum “é um órgão, uma função, uma faculdade de identificação, que relaciona uma diversidade qualquer à forma do mesmo. O senso comum identifica, reconhece” e, desta forma, “subsume a diversidade dada e a refere à unidade”. (2009, p.80)

O paradoxo complica a questão do sentido porque, como observou Lyotard, coloca um problema do qual “não se pode fugir sem contrariar a opinião consagrada” (1979, p. 178), ou seja, a *doxa*. Deleuze diz coisa semelhante e vai adiante: o paradoxo “é a subversão simultânea do bom senso e senso comum” (2009, p.81): “é, em primeiro lugar, o que destrói o bom senso como sentido único, mas, em seguida, o que destrói o senso comum como designação de identidades fixas”. (2009, p.3) O estabelecimento de identidades fixas é o que permite a visão do objeto como reconhecimento (2009, 81), ou seja, o que possibilita remeter “entidades similares ou próximas” a uma entidade maior que as congrega num conjunto que se “opõe a algumas outras entidades”, também constituídas, por sua vez, por outras “entidades similares ou próximas” entre si, para utilizar as palavras de Bauman citadas no início deste trabalho a respeito a função nomeadora da linguagem, a partir da qual opera o senso comum. Afirma ainda Deleuze: o “bom senso é a afirmação de que, em todas as coisas, há um sentido determinável; mas o paradoxo é a afirmação dos dois sentidos ao mesmo tempo” (2009, p.1). O paradoxo impede, portanto, que a diversidade seja subsumida sob a unidade.

Como se vê, apesar de seus esforços em contrário, a postura de dúvida sistemática que assume leva Riobaldo a constatar, inda que muito a contragosto, a insuficiência da linguagem logocêntrica para dar conta da experiência. O ex-jagunço gostaria que fosse possível organizar o mundo a partir dos princípios de uma lógica binária, mas acaba sempre por explicitar a sua insuficiência devido à ausência de regra, de norma e de critério seguro para distinguir, de modo inequívoco, por exemplo, o bom do ruim, o preto do branco, o bonito do feio, a alegria da tristeza. Essa é uma das muitas aporias com que Riobaldo se depara em suas reflexões: organizar a experiência (classificar, nomear) é, ao mesmo tempo, necessário e impossível.

## REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro, Zahar, 1999.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. Caminhos e descaminhos da leitura. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 2, p. 117-119, abr./jun. 2012.

---

<sup>5</sup> Que, por sua vez, se edifica sobre princípios básicos de lógica aristotélica (da identidade, da não contradição e do meio excluído, todos infringidos no mundo rosiano).

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. 5ª ed. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3ª ed. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2005. [Coleção debates]

GARBUGLIO, José Carlos. A estrutura bipolar da narrativa. In: COUTINHO, Eduardo (org.). *Guimarães Rosa*. Coleção Fortuna Crítica 6, Rio de Janeiro, INL/Civilização Brasileira, 1983, p. 422-445.

LYOTARD, Jean-François. Imaginação e paradoxo. In: *Discurso*. São Paulo, n.10, p.175-190, maio 1979.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. In: *Guimarães Rosa: Ficção Completa*, vol 2. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.